

Considerações finais

Sonia Maria Karam Guimarães e Bernard Pecqueur

Os capítulos que compõem o livro, embora abordando tópicos variados, mantêm uma unidade expressa pelo pressuposto de que o capitalismo atual passa por uma transição – denominada “pós-fordismo” ou “sociedade/economia do saber” ou “do conhecimento” – na medida em que o conhecimento torna-se elemento chave para a produção de bens e serviços que dinamizam a economia.

Neste contexto, verifica-se uma transformação radical quanto à concepção de crescimento e desenvolvimento econômico, cujo eixo passa a ser a inovação. Esta, entretanto, deixa de ser concebida a partir da perspectiva funcionalista, baseada em critérios técnicos de aplicação universal (Courlet, capítulo 2), visto que a economia do saber ou do conhecimento depende de informações e de conhecimentos que não são facilmente transmitidos, apesar da difusão das novas tecnologias da informação e comunicação. Decorre daí a relevância da proximidade geográfica entre os atores econômicos para que as chances de transmissão de saber, formal e informal, se efetivem realmente.

A proximidade espacial expressa na noção de território impõe-se como uma esfera singular, lócus privilegiado para a criação da inovação, que se constrói de forma cumulativa como “*mémoire cognitive collective*” que, ao mesmo tempo em que se integra à dinâmica econômica global, também a ela se contrapõe ao constituir-se por uma identidade que a distingue. Nesta concepção, procede-se a uma mudança fundamental: ao invés de recorrer-se a estratégias protecionistas que caracterizaram as políticas nacionais do passado, busca-se criar valor a partir de recursos cognitivos específicos, próprios de territórios e de comunidades que os diferenciam por suas particularidades, construindo-se, assim, geografias de produção baseadas em identidades. A concepção de território é, pois, uma construção essencialmente social, em que diferentes atores desenvolvem estratégias visando a diferenciar-se através da criação de inovação. O desenvolvimento econômico-social passa, assim, a depender da emergência de “regiões inteligentes”.

Significativo nesta concepção é que a inovação, como afirma Courlet (capítulo 2), não é apenas um elemento tecnológico: “C’est l’intelligence de la combinaison des ressources qui fait la différence entre les territoires qui gagnent et ceux qui perdent”. A mudança de paradigma que afeta a produção econômica atual atinge Brasil e França de forma semelhante, entretanto, a perspectiva comparativa evidencia diferenças cruciais entre esses países e suas regiões no que se refere ao modo de ajuste aos novos padrões.

O caso de Grenoble ilustra bem o que se compreende por “meio inovador”, ajustando-se às transformações tecnológicas rápidas da atualidade e respondendo às demandas do novo contexto a partir de uma história centenária (*long durée*) baseada na ciência, tecnologia e inovação. Neste sentido, afirma-se que “*l’innovation est toujours enracinée dans l’expérience et les traditions locales*” (Rosa, capítulo 3).

Ao contrário, conforme afirma Garcia (capítulo 5) em relação ao Brasil, citando Arbix, “O Brasil vive um déficit institucional”, ou seja, o país enfrenta carências diversificadas, dentre outras: ausências de maturidade institucional; de uma cultura voltada para a inovação; de pessoal qualificado; de formação científica voltada para a inovação.

Entretanto, os estudos apresentados em capítulos deste livro (Courlet; Rosa; Blanco e Guimarães; Rosenfield e Almeida) sugerem realidades distintas no interior de uma mesma sociedade (ou de um mesmo território) e, desta forma, evidenciam o equívoco de tomar-se o conceito de Estado-nação (ou de uma totalidade) como representativo de uma suposta homogeneidade.

Courlet (capítulo 2) descreve em detalhes a rica herança de Grenoble baseada em uma longa trajetória de envolvimento com ciência, tecnologia, inovação e artes, o que a caracteriza como uma cidade criativa e um meio inovador por excelência.

Mas essa não parece ter sido a trajetória do Vallée de l’Arve. Segundo Rosa (capítulo 3), as PMEs da região, integrantes de um polo tecnológico, apresentam dificuldades em assumir comportamento característico de um “meio inovador”, em que se destacam valores como cooperação e transferência de conhecimentos. A autora atribui esses resultados ao que poderia ser entendido como um “transplante” recente através da implementação de políticas de inovação. Como afirma a autora, “*la simple adhésion (ao polo) n’assure pas automatiquement la participation à de grands projets de R&D*”. A situação encontrada em Vallée d’Arbe assemelha-se ao que a pesquisa realizada no Brasil evidenciou. Segundo Garcia (capítulo 5), as empresas investigadas, localizadas em incubadoras e parques tecnológicos, no Brasil teriam interagido

mais intensamente com agentes externos do que com agentes próximos das incubadoras ou parques tecnológicos apesar da proximidade espacial.

Neumann (capítulo 6) constatou em APL investigado no Brasil a ausência de fatores próprios que fazem da noção de “território” – com referência à realidade da Europa Ocidental – elemento chave para o desenvolvimento, ou seja, mais do que uma técnica a ser transferida de um lugar para outro, a ideia de território pressupõe, como já mencionado, um processo social enraizado em fatores históricos, sociais e culturais, envolvendo atores locais (empresas e instituições locais) que partilham valores de cooperação, interdependência e um objetivo comum.

Neumann constata no APL investigado no Brasil, ao contrário, um processo “*top-down*”, conduzido por ações dirigistas intervindo na dinâmica existente, o que resultava em divergências, ao invés de convergências.

Por outro lado, o capítulo de autoria de Rosenfield e Almeida (capítulo 4) identifica, em universo relativamente restrito, o que as autoras denominaram “modelos de incubação”, concebidos a partir da combinação de um conjunto de elementos que resultam em formas distintas de cooperação, de inovação e de relação com a pesquisa e o mercado, de acordo com a articulação entre atores e meio. Nessa perspectiva, prevalece a ideia de diversidade em oposição à homogeneidade.

De qualquer forma, a realidade observada no Brasil parece resistir aos pressupostos que tendem a explicar, de forma mais geral, fenômenos em economias maduras.

Blanco e Guimarães (capítulo 9) descrevem a bem-sucedida experiência de empresas inovadoras situadas na incubadora Celta, situada em Florianópolis, SC, no Brasil. Observa-se ali um resultado exemplar que poderia confundir-se com os melhores exemplos da realidade europeia, em matéria do novo paradigma. Entretanto, apesar do desempenho exemplar, a referida experiência contraria pressupostos que fundamentam as noções de “meio inovador” e “território”. No caso da incubadora Celta, houve construção, mas sem herança social e/ou cultural de longa duração, como pressupõem os conceitos referidos. Por essa razão, as autoras introduzem a noção de “agente hábil”, para melhor explicar a experiência em questão. Neste caso, o próprio conceito de “enraizamento” (*embeddedness*), tão difundido, poderia também ser questionado.

Talvez, em realidades como as do novo mundo em que a herança social e cultural é menos significativa, o conceito de “ator hábil” – capaz de criar e manter a coesão em torno de objetivos coletivos – seja uma noção a ser valorizada.